REVISTA DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Universidade de São Paulo
www.revistas.usp.br/rdg - ISSN 2236-2878
Volume 42 (2022), e203554
DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203554

Ousadia e alegria: *sportswashing* e *soft power* do Catar através do futebol

Boldness and joy: Qatar's sportswashing and soft power through football

Rodrigo Accioli Almeida*[1], André dos Santos Alonso Pereira[2]

[1]Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
[2]Instituto de Energia e Meio Ambiente, Universidade de São Paulo, SP, Brasil
E-mail: andresap91@gmail.com
*E-mail para correspondência: rodrigo.almeida@usp.br

Recebido (*Received*): 15/10/2022
Aceito (*Accepted*): 01/12/2022

Resumo: A Copa do Mundo de Futebol de 2022, organizada pela Federação Internacional de Football Association (FIFA), sediada no Catar, representa o ápice de uma estratégia empreendida pelo pequeno país do Golfo Pérsico para aumentar sua relevância dentro da comunidade internacional, conferindo maior legitimidade, segurança e influência ao regime. Parte desta estratégia também incluiu a compra do clube francês *Paris Saint-Germain* (PSG) e a construção de torná-lo uma potência futebolística. O financiamento dessas empreitadas é possível graças à riqueza obtida pelo Catar através da exploração de suas reservas de hidrocarbonetos. Essencialmente, o Catar usa sua renda petrolífera para construir um *soft power* que projete o país no cenário internacional. O presente artigo busca entender, através de análises dos investimentos do governo catariano no esporte, como uma nação, diminuta e dependente de uma única atividade econômica, consegue instrumentalizar o futebol como parte de uma estratégia que solidifique o país como uma nação reconhecida, além de buscar compreender o uso geopolítico do futebol.

Palavras-chave: *Soft power; sportwashing;* futebol; globalização; Catar.

Abstract: *The 2022 World Cup, organized by Federation Internationale de Football Association, represents the highest level of a strategy launched by its host Qatar, a little Persian Gulf country, to raise its relevance towards the international community, allowing itself more legitimacy, security and influence to the regime. Part of this strategy has also included the Paris Saint-Germain (PSG) purchase and the project to make it a world class level team. The negotiations between this club and some footballers, especially the Brazilian star Neymar Júnior and the French international Kyllian Mbappé, both as football's most expensive transfers by their times. The financing of those achievements is possible by Qatar hydrocarbon wealthness. Qatar adopts a strategy to employ a sport as a tool of soft power by the income obtained with hydrocarbon profiteering, then multiplying its influence in the international scenario and becoming itself a more relevant player for energy geopolitics. This article means to study how this strategy has been employed and to elucidate how football can be used as a geopolitical weapon.*

Keywords: *Soft power; sportswashing; football; globalization; Qatar.*

1. Introdução

Situado em uma pequena península que se projeta no meio do Golfo Pérsico a partir da porção leste da Península Arábica, o Catar é um país modesto em termos populacionais, não possuindo mais do que três milhões de habitantes, boa parte destes de recentes fluxos migratórios. Está cercado por vizinhos poderosos, como Arábia Saudita e Irã, além de outros países com dimensões geográficas similares às suas. Ainda assim, o governo catariano tem conseguido destaque por suas ações geoeconômicas, projeção de influência e, principalmente, na construção de um *soft power* engenhoso que permite ao seu país atingir objetivos estratégicos. Um país como o Catar costuma ser designado pela literatura acadêmica como "petroestado", termo utilizado para definir Estados nacionais dependentes da exploração de hidrocarbonetos, e cuja formação territorial está diretamente relacionada a essa atividade (VAKULCHUK, 2020). Tanto o petróleo, como o próprio gás natural, são insumos cruciais para a economia mundial, sendo os principais sustentáculos energéticos da economia capitalista dos últimos 150 anos. Por conseguinte, possuem grande peso

geopolítico, embora seus impactos sejam assimétricos entre os diferentes grupos de países (BRITO *et al*., 2012).

Podemos destacar três grupos de países nos estudos de geopolítica energética: os que possuem as reservas energéticas (produtores), os que dominam o processo produtivo que transforma o recurso energético em um produto final (consumidores) e os que dominam ambas as etapas (prosumidores). Tal classificação, com sutis diferenças, é a mais utilizada pelos autores do tema (RAFFESTIN, 1980; SÉBILLE-LOPEZ, 2006; VAN DER GRAAF, 2016). Partindo dessa classificação, podemos identificar o Catar como pertencente ao primeiro grupo. Apesar das riquezas obtidas com a renda petrolífera, os países produtores são mais vulneráveis tanto economicamente, quanto pelas tensões geopolíticas envolvidas (YERGIN, 2011). Além disso, por dominarem apenas as reservas e as etapas iniciais da exploração e produção, seu lucro se concentra na parte com menor valor agregado. Portanto, os países produtores buscam estratégias que os permitam sobrepor as deficiências intrínsecas da exploração de seus recursos, e transformá-lo em um ativo de longo prazo. Comandando um país de pequeno porte, a monarquia catariana pode utilizar seus recursos para desenvolver um *soft power* que projete sua influência e solidifique o país como uma nação reconhecida para além de seu status de petroestado. Parte desta estratégia vem sendo atingida através de investimentos esportivos, sobretudo com a Copa do Mundo FIFA de 2022.

O futebol é o produto cultural de maior abrangência no século XX (CAMPOS *et al*, 2010). Desde as redes comerciais do Império Britânico aos jogos da Copa do Mundo transmitidos hoje em multiplataformas, a abrangência de praticantes amadores, praticantes profissionais, torcedores, dirigentes e outros profissionais ligados à área não tem qualquer equivalente em outros esportes. Um bom exemplo dessa abrangência global do futebol é o sistema associativo da FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*, cuja pirâmide divide-se em federações regionais e nacionais. Embora outras federações possuam ordens hierárquicas semelhantes, é notável a FIFA ter 211 filiados perante 193 da Organização das Nações Unidas, com uma circulação de capital na casa de 100 bilhões de reais (CHADE, 2018).

Uma atividade com esse volume de circulação de capital por todo o planeta torna-se um fator de atração a empresas e agentes de outros setores econômicos com diferentes interesses, inclusive o *sportswashing*. Esse termo anglicizado surgiu a partir de reflexões dos meios de comunicação na década anterior e aborda a prática de uso do esporte para limpeza da imagem de um país de modo a sediar um megaevento, comprar clubes de futebol ou jogadores com alguma intencionalidade geopolítica (SKEY, 2022). Em uma rápida pesquisa é notável como a prática de *sportswashing* tem se tornado recorrente em países do Oriente Médio. Segundo reportagem do Globoesporte.com (2020), a Arábia Saudita concorreu e ganhou o direito de sediar os próximos Jogos de Inverno Asiáticos, logrou a realização anual de um grande prêmio da Fórmula 1 e efetivou a compra do Newcastle United, time inglês da Primeira Divisão. Além da Arábia Saudita, práticas semelhantes são encontradas no Bahrein como a realização do grande prêmio de Fórmula 1 em Sakhir anualmente e no Azerbaijão, situado no Cáucaso, que além de um grande prêmio em condições semelhantes às dos países supracitados, também foi palco da final da UEFA Europa League de 2019. Atrair eventos, mobilizar subjetividades e mostrar capacidade de construir e sediar grandes eventos são essenciais para países que queiram "se mostrar" ao mundo e construir uma narrativa própria perante a comunidade internacional.

O futebol como linguagem universal e atividade econômica global tem como base sua capacidade de mobilizar subjetividades e gerar identidades entre grupos de torcedores para com seus clubes de futebol ou seleções nacionais (GIULIANOTTI, 1994; DAMATTA, 1982). Em meio a tentativa de homogeneidade social trazida pela Modernidade e o mundo do trabalho, esse esporte apresenta formas de se diferenciar dos demais indivíduos e conectá-los com suas comunidades locais (BALE, 2000), cuja construção de signos e ritos é disputável e pode ser cooptada por um grande agente econômico (ALMEIDA, 2021). Portanto, sediar eventos esportivos, comprar clubes de futebol e relacionar-se com jogadores podem ser estratégias utilizadas como forma de criar uma narrativa positiva sobre si e influenciar outros países e a comunidade internacional através da relação de proximidade que pode ser construída. Não à toa, o emirado catariano nas últimas décadas adquiriu o *Paris Saint-Germain*, clube francês de maiores resultados esportivos, e sedia a Copa do Mundo 2022 de futebol masculino.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as ações do governo do Catar através de seus fundos financeiros (financiados pela exploração de petróleo e gás natural) na condição de investidor esportivo e quais interesses por trás desses movimentos, numa perspectiva crítica-analítica de como os eventos esportivos, de caráter teoricamente lúdico e cultural, são envolvidos nas disputas geopolíticas e usados como instrumentos de promoção nacional. Outros objetivos serão analisar as estratégias utilizadas pelo Estado catariano para superar sua dependência de hidrocarbonetos e consolidar uma posição nos circuitos superiores da economia globalizada, assim como propor uma discussão reflexiva acerca do papel do

futebol e seus atores como mercadoria. O artigo é dividido em cinco partes. Além desta introdução, apresentamos uma revisão da literatura que nos permite aplicar uma metodologia de análise crítica das ações do Catar enquanto ator geopolítico, utilizando os conceitos de geopolítica energética e *sportwashing*, bem como o levantamento de dados sobre os grupos de investimentos do país nos esportes. Em seguida, contextualizamos geograficamente o país e descrevemos o histórico de suas investidas esportivas. Na seção de análises e discussões, debatemos, com base nas informações levantadas, o uso geopolítico que o governo catariano faz do futebol e a tendência da expansão desse processo. Por fim, encerramos com as nossas considerações finais.

2. Revisão da literatura

Para realizar nossa análise crítica das ações do governo catariano no setor esportivo, precisamos estabelecer as bases teóricas de sua ação geopolítica. Iniciamos pelo conceito de *soft power*. Para tal, analisamos sua evolução epistemológica, inicialmente pensado como elemento do poder das potências, porém mais recentemente como um instrumento disponível para Estados menos poderosos com acesso a recursos específicos dos quais podem extrair influência. Em seguida, expandimos a discussão sobre a geopolítica energética, e o uso da energia como arma estratégica em escala nacional. Seguindo essa temática, abordamos a importância dos fundos soberanos, política pública adotada por países produtores para maximizar no longo prazo o potencial financeiro da renda petrolífera e evitar seus malefícios econômicos e geopolíticos. O trabalho segue apontando os elementos fundamentais sobre os megaeventos e o mercado de transferência de jogadores de futebol, importantes na discussão por serem instrumentalizados por políticas de *soft power* da monarquia catariana. Em termos futebolísticos, a temática abordada assim se divide para analisar a realização da Copa do Mundo de 2022 no Catar e a compra do jogador Neymar Júnior por parte do *Paris Saint-Germain*, clube do *Qatar Investment Authority*.

2.1. Soft power

Os estudos sobre a força e influência das nações no cenário internacional são pautados pelas características que constituem seu poder e capacidade de atuar nos territórios para atingir seus objetivos. Fatores como território, economia e força militar constituem aquilo que Joseph Nye (1990) define como *hard power*: a capacidade de um Estado em utilizar coerção para assegurar seus interesses. Somente as grandes potências têm as prerrogativas para usufruir deste instrumento. Tal conceito também está embutido na visão realista das relações internacionais, isto é, da que as nações essencialmente agem pelos seus próprios interesses dentro de um sistema global anárquico e buscam cooperação somente quando conveniente para seu planejamento. Contudo, existem outras maneiras de uma nação convencer outros países a seguirem suas políticas, adotarem práticas comuns, bem como adquirir prestígio perante a comunidade internacional e o mercado. Eis que foi criado o conceito de *soft power*, contraponto e complemento do conceito prévio.

Segundo Nye (1990), *soft power* pode ser caracterizado como a capacidade de um país em induzir outros a seguirem suas políticas ou se adequarem aos seus objetivos sem a necessidade do uso da força. Os dois conceitos ganharam proeminência nas discussões das relações internacionais e outras ciências sociais como a geografia. Apesar de, teoricamente, qualquer país ter a possibilidade de criar e aplicar seu próprio *soft power*, Nye a concebeu (assim como o *hard power*) como parte do arsenal que as grandes potências podem utilizar em benefício próprio. Ademais, institutos especialistas no tema apontam que normalmente os países com maior índice de *soft power* são aquelas potências econômicas sem grandes gastos militares, tais quais países-membros da UE - União Europeia e alguns destaques do leste asiático como Japão e Coréia do Sul.

Contudo, a evolução da literatura sobre o tema aponta que o *soft power* também pode ser encarado como uma estratégia diplomática para que um país sem peso econômico ou militar no sistema global possa exercer algum poder de atração para expansão e consolidação dos seus negócios, permitindo maior inserção na economia de mercado e obtendo vantagens competitivas em relação a países de mesmo patamar (GRIX, 2013). Essa é a estratégia que o Catar começou a adotar a partir dos anos 2000 para alcançar destaque regional e consolidar-se como nação autônoma, buscando superar sua condição de Estado rentista (MOHAMMED *et al*., 2022). Enquanto petróleo e gás natural forem relevantes para a economia mundial, o país manterá sua relevância. Contudo, cenários de descarbonização a comprometem. Por isso, o governo catariano precisa investir em alternativas, enquanto tem os recursos financeiros para tal, para superar sua posição na divisão internacional do trabalho e diversificar suas fontes de renda e poder. Conforme veremos em breve, os investimentos esportivos – seja em eventos, clubes ou atletas – é parte integral da construção do *soft powe*r catariano (ANDERSSON, 2021).

2.2. Geopolítica energética e a criação de fundos soberanos

Conforme abordamos na introdução, a geopolítica energética é pautada pela assimetria entre os diferentes grupos de países, além dela ser historicamente pautada pelo controle e acesso às reservas de hidrocarbonetos, assim como pela busca de alternativas que permitam maior diversificação, tanto em termos energéticos como geográficos (CONANT; GOLD, 1981). Embora a agenda ambiental tenha avançado desde a promulgação dos Acordos de Paris em 2015, e a transição energética em prol da descarbonização esteja acelerando (principalmente nos países desenvolvidos), os combustíveis fósseis seguem sendo dominantes na matriz energética mundial. Ademais, mesmo em um cenário de transição bem-sucedida, o consumo dos fósseis deverá seguir alto. Em particular, o gás natural, por ser menos poluente que os demais fósseis, é visto como um elemento de transição (SOVACOOL, 2016). Os países produtores têm dois objetivos principais: garantir uma oferta constante a vários clientes a um preço vantajoso e evitar os malefícios associados a um país produtor de insumos energéticos. Por muito tempo submissos aos interesses das grandes potências e das *majors* do setor, esse grupo adotou a nacionalização e a formação de cartéis como a principal tática para garantir sua soberania energética e maximizar sua renda petrolífera. Apesar destes movimentos unitários, esses países frequentemente entram em conflitos internos, uma vez que são concorrentes comerciais e buscam atender seus próprios interesses. Cada vantagem obtida pode ser crucial para não somente aumentar a quantidade de capital do país, mas até mesmo assegurar sua sobrevivência como Estado soberano dentro da economia capitalista globalizada (FUSER, 2013; SÉBILLE-LOPEZ, 2006).

Desta maneira, o petróleo e o gás natural são utilizados em aproximações diplomáticas e na atração de investimentos. Sua distribuição é uma etapa crucial desta indústria. O petróleo é majoritariamente comercializado pelo transporte marítimo, enquanto o gás natural é por dutos, o que limita seu alcance. Entretanto, com a expansão da infraestrutura de Gás Natural Liquefeito (GNL), o gás natural passou a ser mais comercializado por navios, expandindo seu alcance geográfico. Isto potencializa o peso econômico do Catar no comércio de gás natural, visto que o país é um de seus maiores produtores. Essencialmente, o GNL permite que o gás natural seja transportado por via marítima tal qual o petróleo. Cercado em suas fronteiras terrestres por um vizinho frequentemente hostil (Arábia Saudita), o GNL permite ao Catar maior acesso aos mercados europeus e do leste asiático, com quem vem ampliando suas relações comerciais (MEZA, 2021). Considerando ainda as sanções econômicas impostas à Federação Russa devido a invasão da Ucrânia em 2022, o papel do Catar como fornecedor de gás natural ganha maior relevância estratégica não só para ele mesmo, mas para o bloco ocidental. Meza (2021) e Mohammed (2022) defendem que o país precisará aproveitar esse momento econômico para incrementar seu fundo de investimento.

A literatura sobre os impactos macroeconômicos e geopolíticos da exploração do petróleo aponta que, a despeito das imensas remessas de lucros e saldo positivo na balança comercial que a renda petrolífera gera, os países produtores de petróleo estão frequentemente assolados por uma condição conhecida como "maldição dos recursos naturais" (MRN) (ROSS, 2015). A MRN é concebida como um aumento da fragilidade de uma nação devido a exploração do recurso energético que, ao invés de aumentar a riqueza e potência do país, leva-o a uma maior fragilidade política, impulsiona movimentos separatistas e torna a nação alvo da exploração de grandes empresas transnacionais e potências hegemônicas. Além disso, as elites econômicas que controlam as etapas produtivas de sua exploração controlam a classe política do país, que passa a ser direcionada a manter os privilégios obtidos (PERIARD; LOSEKANN, 2012).

A nível econômico-cambial, a literatura identificou uma condição específica da MRN conhecida como "doença holandesa". Nela, um país explorador de hidrocarbonetos começa a adquirir grandes remessas de dólares ao exportar quantidades massivas do produto num curto período, provocando desvalorização cambial, o que compromete o poder de compra de sua população. Além disso, a economia do país tende a ficar hiper-especializada na produção e exportação da nova commodity, levando a uma baixa diversificação de sua capacidade produtiva. Por consequência, a economia local fica extremamente dependente da variação do preço do barril de petróleo na cotação internacional, e períodos de crise tornam-se constantes em países produtores como Venezuela e Nigéria (JORDAN, 2013; COSTA, 2019). Por conta disso, é uma constante preocupação dos países produtores elaborarem estratégias para evitar as condições supracitadas e aproveitar ao máximo os benefícios econômicos da exploração dos hidrocarbonetos.

Naturalmente, o Catar, como um país produtor de hidrocarbonetos e cuja subsistência econômica é proveniente da renda petrolífera, tem como diretriz governamental evitar que o país se torne vítima de tais condições. A principal política pública realizada para sua prevenção é a criação de fundos soberanos, uma reserva financeira criada sob o princípio de justiça intergeracional. Sua lógica parte da noção de que os recursos naturais de um território não podem ser aproveitados apenas pelas gerações atuais que o exploram,

mas também as futuras (BAENA, 2013). Ademais, o capital guardado pode ser utilizado para realizar investimentos em setores que permitam diversificar a economia do país, reduzindo sua dependência do recurso, preparando-se para a eventualidade dele se esgotar ou perder a relevância econômica. Os principais exemplos de fundos soberanos são os da Noruega, Canadá, alguns estados norte-americanos e dos países do golfo pérsico, incluindo o próprio Catar. Além dos investimentos em turismo, esporte e setor financeiro, o Catar, segundo projeções da Agência Internacional de Energia (AIE), pode se beneficiar do momento para diversificar seu portfólio no setor energético além da expansão do GNL, aproveitando o potencial do país em energia solar.

Conforme podemos observar na imagem abaixo (**Figura 1**), os principais fundos soberanos de países produtores de petróleo e gás natural são a Noruega e outros países do Golfo Pérsico. O fundo pertencente ao Catar é o quinto maior, com uma quantia de 320 bilhões de dólares. Apesar de inferior a alguns de seus rivais regionais, o fundo do Catar ainda possui uma quantidade expressiva, ofuscando as quantias massivas despendidas no setor esportivo. Vale ressaltar que os dados obtidos estão desatualizados, e não abrangem os lucros recentes do país como substituto de fornecedor da oferta russa de gás natural para a UE, algo que certamente trará maior renda ao país. Ademais, como sua população de "cidadãos oficiais" é bastante restrita, o governo local tem bastante margem para investir em diversos projetos. Contudo, como veremos mais adiante, isto também revela a maior fraqueza do projeto catariano: as condições abaixo do ideal de qualidade de vida da população migrante, incluindo denúncias de trabalhos análogos à escravidão na construção de estádios da Copa.

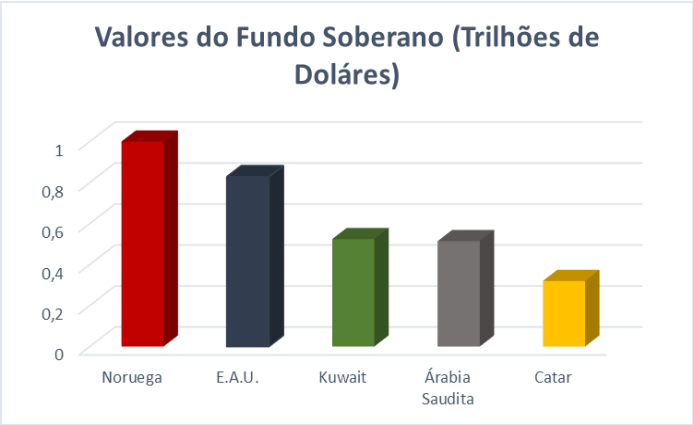

Figura 1: Valores dos principais fundos soberanos de países exportadores de petróleo e gás.

Fonte: Elaboração própria a partir de Instituto da Riqueza dos Fundos Soberanos, 2017.

2.3. Divisão internacional do trabalho, globalização e mercado de transferências de jogadores

Em termos geoeconômicos, os conceitos basilares a esse estudo se inserem nas discussões sobre produção, circulação e consumo a partir do final do século XX. A passagem da acumulação fordista à acumulação flexível no mundo trouxe mudanças importantes na organização do espaço geográfico. A reestruturação das empresas, a centralidade crescente das praças financeiras na economia mundial, a formação de redes de circulação cada vez mais velozes, a simultaneidade e a crescente volúpia competitiva entre empresas são elementos constitutivos ao que Santos (2005) caracteriza como globalização. Ao autor, a revolução técnico-científica-informacional trouxe uma série de objetos técnicos que possibilitaram à humanidade a circulação de mercadorias, informações, capital e pessoas em velocidade ímpar na história humana. De modo a exemplificar, um relatório da FIFA (2018) apontava, ao término da Copa do Mundo de 2018, para o alcance de um público de 3,7 bilhões de espectadores ao redor do planeta. Não é difícil concluir o alcance global desse evento através dos grandes meios de comunicação, sendo essencial a existência de satélites, redes de cabeamento de internet, aparelhos televisores, celulares e outras tecnologias da comunicação para alcançar todo pedaço de terra onde um indivíduo tenha interesse nesse evento.

Além disso, é notável que há uma divisão internacional do trabalho dada pelo futebol. Para mobilizar esse conceito conforme o pensamento de Marx, entendemos as atividades econômicas do futebol de maneira distinta em cada formação socioespacial, ou seja, com características dadas pelo processo social de cada país e região. A globalização e o "mercado da bola" são movimentos totalizantes, porém não ocorrem de maneira homogênea em todos os lugares (SANTOS, 2000). Aliás, podemos afirmar que esse processo totalizante no futebol se iniciou há 30 anos atrás, pois até os anos 1990, as transferências de futebol tinham um volume total no mundo bem menor a ponto de não existir qualquer tipo de normativa sobre o assunto. O primeiro

regulamento da FIFA sobre o tema, válido para todas as federações filiadas, foi publicado em 2004, estando de acordo com a Justiça da União Europeia (NICOLAU, 2017), vindo à esteira da Lei de Bosman de 1995, cujo efeito foi a maior circulação de jogadores entre as ligas europeias. Segundo o "*Financial analysis of the transfer market in the big-5 leagues (2010-2018)*" (CIES, 2018), no período de tempo entre 2010 e 2018 observamos que 70% dos fluxos financeiros gerados por transferências de jogadores das cinco ligas de maior aporte financeiro (Alemanha, França, Espanha, Inglaterra e Itália) permaneceram entre essas mesmas ligas, com uma parcela de 34% gasta em transferências domésticas. O total de capital movimentado pelo mercado de transferência de jogadores em 2018 foi de 5,85 bilhões de euros, sendo 70% aproximadamente o valor de 4,09 bilhões de euros. Em termos comparativos ao Brasil, em uma série histórica de oito anos, de 2010 a 2018, apenas 568 milhões de euros destinaram-se a compras de jogadores em clubes brasileiros, sendo que o Brasil lidera a lista do mesmo relatório de país de origem da maioria das transações internacionais.

Há um mercado de transferência de jogadores cuja divisão internacional do trabalho está pautada em uma área centralizadora de capital e concentrando os melhores jogadores do mundo e uma grande periferia do futebol cujas funções se restringem a "exportar" jogadores às áreas centrais por preços mais módicos. Refletindo sobre a condição do jogador de futebol como trabalhador, Favero (2004) aponta que a realização do valor em relação ao jogador de futebol não se dá na mais-valia proveniente de seu trabalho, pois seu valor está na possibilidade de transferência a outro clube. Em outras palavras, um jogador de futebol tem seu valor dado na circulação e ganhos de capital futuros. Dessa forma, a transferência do jogador Neymar Jr. ao *Paris Saint-Germain*, realizada pelo Catar durante o período no qual o país sofria embargo por parte dos governos dos países vizinhos, notadamente Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita, não pode ser entendido simplesmente como uma transferência comum dentro da estrutura de futebol profissional da FIFA. Primeiramente, o recorde nos valores pagos pelo time francês, cujo capital pertence à *Qatar Sports Investiments*, subsidiária do fundo soberano local *Qatar Investiment Authority*. Em segundo lugar, os valores e signos que carregam a transferência de um jogador que havia há pouco conquistado a Liga dos Campeões da Europa com papel de destaque e disputado a Copa do Mundo de 2014 como principal jogador da Seleção Brasileira.

3. Caracterização do Catar

Conforme supracitado, o Catar é um país pequeno em termos territoriais e demográficos. Nesse sentido, vale destacar que apenas 14% de sua população são catarianos natos, com o restante sendo composto por migrantes (que não têm os mesmos direitos e proteção legal dos cidadãos oficiais), provenientes principalmente do Sudeste Asiático (Banco Mundial, 2022). Apesar disso, está localizado em uma região de importância geoestratégica, especialmente para o setor energético, tornando o país um *player* relevante acima de suas dimensões (**Figura 2**). Resultado das divisões territoriais das potências ocidentais no pós-primeira guerra mundial, principalmente do então Império Britânico, o país esteve sob domínio do Império Otomano por séculos, mas efetivamente era governado pela dinastia Al-Thani, que até hoje governa o país como uma monarquia absolutista, tendo Doha como capital e sede do poder.

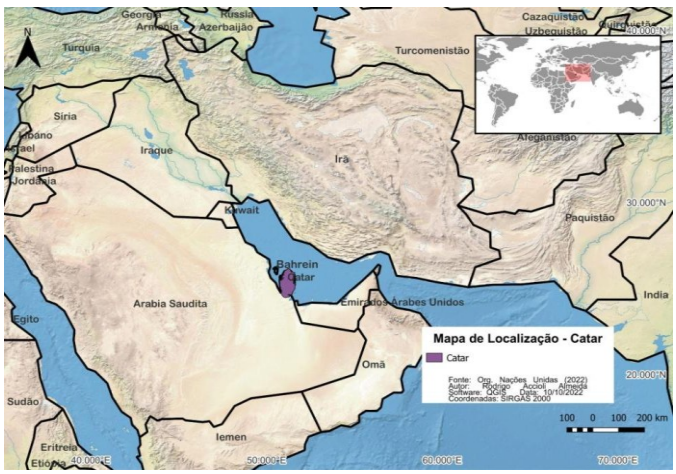

Figura 2: Mapa da Localização do Catar. Elaboração: ALMEIDA, R., 2022.
Fonte: elaboração própria.

Assim como muitos dos seus vizinhos regionais, o Catar contém grandes reservas de hidrocarbonetos, mas se destaca mais pelas de gás natural do que as de petróleo. Compartilha com o Irã o campo de gás *offshore* "Domo do Norte", que segundo a AIE conta com mais de 51 trilhões de m³, sendo mais da metade dentro do mar territorial do Catar, no Golfo Pérsico. Excluindo o potencial do shale gas dos EUA, o Catar tem as terceiras maiores reservas de gás natural do globo, atrás somente de Rússia e Irã (AIE, 2021). Historicamente exportado por dutos, a evolução das tecnologias de GNL tem permitido acesso ao escoamento marítimo do gás natural permitindo ao Catar expandir os seus clientes e alcance. Em 2021, o país exportou 22,5 bi/m³ para a Europa e 76,9 bi/m³ para o Leste Asiático. Com a Guerra na Ucrânia iniciada em fevereiro de 2022, o país aumentou sua exportação para a Europa como parte da estratégia da União Europeia de substituição do gás natural importado da fortemente sancionada Rússia. Sendo assim, podemos observar que o Catar torna-se um ator geopolítico cada vez mais relevante, à medida que seu gás natural torna-se mais cobiçado.

3.1. Contexto geopolítico do Golfo Pérsico

O Catar costuma ser caracterizado como pertencente aos chamados "países do golfo", grupo de pequenos Estados-Nacionais do golfo pérsico com semelhanças histórico-culturais, econômicas e geográficas. Eles buscam maior autonomia em relação a Arábia Saudita e Irã, maiores potências regionais e entrelaçadas em uma disputa por hegemonia no grande Oriente Médio. Os sauditas possuem maior influência sobre esse grupo de países, simbolizada pelo Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Em 2017, o Catar foi alvo de bloqueio diplomático e econômico por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita. Tal bloqueio incluiu o isolamento territorial do país, sanções às suas empresas e o fechamento do seu espaço aéreo. Dentre os países envolvidos no bloqueio, estavam incluídos membros do CCG, como o Bahrein e os Emirados Árabes Unidos (EAU), rivais econômicos do país. Oficialmente, os "embargadores" alegaram que o Catar descumpriu com compromissos do grupo, financiou grupos terroristas e se aproximou do Irã. Alguns analistas apontaram a insatisfação que esses países possuem com a rede midiática Al-Jazeera, de conteúdo liberal e pró-Ocidente, e também com a defesa do país por mudanças estruturais na região, ante ao conservadorismo de seus antagonistas (RAMANI, 2021).

Notavelmente, o Catar deixou de ser membro da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) em 2019, o que agradou seus consumidores, além de buscar maior autonomia em relação aos seus rivais locais, outro fator que aumentou o descontentamento desses com o governo catariano. Neste momento de coerção da coalizão saudita, o governo do Catar demonstrou a força do seu *soft power*. O bloqueio foi condenado nas Nações Unidas (ONU) e na Organização Mundial do Comércio (OMC). Vale ressaltar que o país é influente na segunda organização graças à Rodada de Doha, realizada em sua capital. Além disso, o país se aproximou do Irã e Turquia, aprofundando suas relações bilaterais. O bloqueio acabou gerando um longo impasse e desgaste mútuo. Um acordo foi arquitetado para sua suspensão em 2021 através de uma resolução do CCG na cidade saudita de Al-Ula, com mediação do Kuwait e dos Estados Unidos (que possui base militar no Catar). Não apenas o bloqueio foi cessado, como o Catar reintegrou o grupo. Contudo, para Ramani (2021), a suspensão do bloqueio não resolveu os antagonismos entre os envolvidos, além de ter aumentado a influência iraniana na região. Portanto, ele foi um erro estratégico por parte da Arábia Saudita.

Em relação aos EAU, o Catar é seu principal fornecedor de gás natural, exportando para ele cerca de 19,5 bilhões de metros cúbicos em 2021 (BP, 2022). Os preceitos da geopolítica energética apontaram que essa interdependência preveniria uma distensão entre os dois por razões pragmáticas. Contudo, o uso das reservas de recursos naturais como elemento estratégico permite ao Catar uma vantagem nessa relação. Sua desvantagem, teoricamente, seria a força militar, pois tanto Arábia Saudita quanto os EAU possuem forças militares mais robustas. É nesse momento que a rede de alianças tecidas pelo governo de Doha, principalmente cooperando a nível de securitização com os EUA e solidificando seu *soft power* com parcerias na Europa e Ásia, garantem proteção e capacidade de dissuasão. Boa parte dessa cooperação, sobretudo com a Europa, foi construída pelos investimentos do país no setor esportivo, principalmente dos chamados megaeventos. Nesse momento, vemos como o governo do Catar utilizou ao seu favor sua influência diplomática construída nas últimas décadas para superar um enfrentamento direto de seus adversários regionais. Em suma, o país demonstrou a força de seu *soft power*. E é no esporte que examinamos parte dessa estratégia.

3.2. Esporte como estratégia de soft power do Catar

Percebendo a ascensão da prática de *sportwashing* por parte de agentes privados e representantes estatais de países exportadores de hidrocarbonetos, as autoridades catarianas começaram a adotar a prática com proeminência a partir dos anos 2000, época que muitos investidores e fundos financeiros começaram a se envolver com grandes obras para eventos esportivos. Os principais alvos foram o futebol e a Fórmula 1, categorias de grande apelo internacional, mas particularmente nos mercados europeus. Dentre as estratégias adotadas, podemos citar a inserção dos clubes de futebol do país como compradores de atletas de mercados emergentes, como da própria América Latina. Não só os atletas foram sendo adquiridos, como muitos receberam oferta dos próprios sheiks de naturalização, a fim de defenderem sua seleção. Um caso emblemático foi o atacante brasileiro Márcio Passos de Albuquerque, que ficou conhecido como "Emerson Sheik" após passar pelo futebol catariano e ter se naturalizado para defender a seleção do Catar.

Os megaeventos são possibilidades de acumulação ampliada de capital a partir de eventos esportivos com relevância mundial com articulações entre o Estado e a iniciativa privada de modo a promover o evento e garantir amplas margens de lucro. A Copa do Mundo, segundo Gonçalves (2016), se insere nesse padrão ao ser um campeonato entre seleções nacionais cuja proprietária, a FIFA, faz uma série de acordos com o país-sede. No caso do Brasil, o autor aponta que a Copa do Mundo foi utilizada como estratégia estatal de mostrar uma imagem positiva perante o mundo através de obras de infraestrutura urbana e a construção de 10 estádios novos ao evento. Por isso, megaeventos estão vinculados às estratégias de reprodução ampliada de capital através de um torneio, dado a relevância de mais de um bilhão de telespectadores ao redor do mundo e a capacidade de passar uma imagem positiva.

Nesse ponto, não é estranha a quantidade de eventos sediados em países da Península Arábica nas duas primeiras décadas do século XXI. No automobilismo, a Fórmula 1 correu pela primeira vez no Bahrein em 2004, tendo ampliado depois aos Emirados Árabes Unidos em 2008, à Arábia Saudita e ao Catar em 2021. Inclusive, durante a realização do Grande Prêmio da Arábia Saudita de 2022, a área da petroleira Aramco foi atingida por um bombardeio de autoria do Iêmen. Na seara do movimento olímpico, a Arábia Saudita realizará os próximos Jogos Asiáticos de Inverno de 2029. No futebol, os Emirados Árabes Unidos costumam revezar com o Japão e o Marrocos a sede da final da Copa Mundial de Clubes da FIFA, tendo sido a sede em 2008, 2009, 2017, 2018 e 2021. Não se discute aqui o direito e a legitimidade de uma região ser escolhida como sede de eventos esportivos, pois o foco é realmente pensar no volume de investimentos em estruturas esportivas (autódromos, ginásios, estádios etc.) e as possibilidades de uso como *soft power* por parte do Catar.

A possibilidade de sediar um evento, mostrar os pontos turísticos, apresentar uma face "moderna" a partir de estádios novos são atrativos interessantes. No entanto, antes da realização do evento, o Catar foi denunciado por infração aos direitos humanos e trabalho análogo à escravidão durante a construção das infraestruturas da Copa do Mundo de 2022. A rede estadunidense ESPN (2021) afirmou que o número de mortes passa dos 6,5 mil trabalhadores, em sua maioria provenientes de países como Paquistão, Sri Lanka, Bangladesh, Índia e Nepal. Por conta disso, a seleção da Dinamarca chegou a dar declarações que seus uniformes não apresentariam qualquer marca ou símbolo como forma de protesto à realização do torneio com esse histórico recente do Catar, segundo reportagem divulgada no Globesporte.com (2021).

Todavia, a Copa do Mundo e o desenvolvimento do futebol local foram apenas um pequeno passo da estratégia desenvolvida pelo governo do Catar. Seguindo o exemplo de oligarcas russos e investidores de Dubai, o país, através do grupo *Qatar Sports Investments*, adquiriu o *Paris Saint-Germain* em 2011. O presidente do grupo, Nasser Al-Khelaifi, tornou-se desde então o proprietário da equipe. É interessante dar uma rápida olhada na trajetória de Al-Khelaifi. Antes de assumir o clube da capital francesa, foi atleta profissional de tênis, presidiu a Federação Asiática de Tênis, a Ligue 1, o Fundo Monetário Autônomo do Catar e é sócio do *beIn Group*, cujo maior ativo é a rede de televisão *Al Jazeera*. Assim, trata-se de uma pessoa próxima a Tamim bin Hamad al-Thani, emir do Catar. Em termos da transferência de Neymar Jr. do Barcelona ao PSG, o primeiro fato que chama a atenção é o valor de 222 milhões de euros, em 2017. À época, foi a transferência mais cara da história e envolvia um jogador sempre cotado no ranking de melhor do mundo da FIFA (*Ballon D'Or/ FIFA - The Best*), sem contar sua capacidade de marketing e publicidade, que pode ser exemplificada pelo número de seguidores em redes sociais como Twitter (58 milhões de seguidores atuais) e Instagram (180 milhões atuais). Aliás, como já exposto, a transferência de Neymar Jr. não seria mensurável pelo valor de sua força de trabalho, pois nunca o trabalho realizado chegaria a uma cifra milionária dessa natureza. Claramente, a possibilidade de venda de artigos do clube, a exposição na mídia e o agregado das redes sociais contam muito nessa transferência.

O *timing* da transferência foi bastante propício para o Catar: o bloqueio encabeçado pela Arábia Saudita foi iniciado em junho de 2017. Neste momento, o PSG já havia iniciado negociações com a equipe do jogador. A transferência foi ratificada em agosto do mesmo ano, apenas dois meses após o início do bloqueio. Desta maneira, o clube foi efetivamente um instrumento diplomático do Catar não apenas para demonstrar força aos seus rivais, mas também para solidificar sua inserção no alto círculo competitivo do futebol europeu, o mais rico e poderoso do ludopédio global. Esse movimento aproximou o Catar da Europa e aprofundou seu distanciamento dos países árabes. Além de Neymar, a aquisição do atacante francês Kyllian Mbappé por valores igualmente altos, ratificou a estratégia do clube e do fundo de investimento que o controla. Inclusive, é notável que a renovação de Mbappé em 2022 foi intermediada por Nicolás Sarkozy e teve participação direta de Emmanuel Macron, presidente da França. O jogador camisa 10 da Seleção Francesa e campeão do mundo em 2018 recebeu pedidos diretos do presidente para a renovação, que girou em 7 milhões de reais por semana (SABINO, 2022).

4. Análises e discussão

Considerando o objetivo primário da monarquia catariana em utilizar os investimentos esportivos para consolidar o *soft power* do Catar, podemos constatar um relativo sucesso na aplicação dessa tática. Os resultados são vistos mais no campo diplomático do que no esportivo em si. Embora o PSG não tenha atingido seu maior objetivo, a conquista da *Champions League*, o time aumentou sua popularidade ao redor do mundo, conseguindo competir com os mais tradicionais e populares times ingleses e espanhóis. A compra do PSG também aproximou os governos do Catar e da França, que vê no futebol uma maneira de aproximar culturalmente sua população cada vez mais diversa devido aos fluxos migratórios do continente africano e ao redor do mundo. Nesse sentido, a renovação milionária com o atacante Mbappé, se justifica tanto pela alta capacidade técnica do atleta, mas igualmente pela solidificação dos laços entre os dois países. A contratação prévia de Neymar já indicava que a equipe não mediria esforços financeiros para assegurar seu posto na elite esportiva. Sem dúvidas, porém, sediar a Copa do Mundo foi a "cereja do bolo", demonstrando a influência política do país nos altos círculos da Europa, continente que *de facto* comanda o futebol. Por mais que Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos invistam em outros times europeus e também tenham circuitos no calendário da Fórmula 1, a Copa do Mundo é o evento máximo do esporte mais popular do mundo, com uma periodicidade de quatro anos, sendo revezado entre os continentes. Levará algum tempo para que outro país do Oriente Médio tenha a possibilidade de replicar a conquista catariana.

Contudo, além dos impactos esportivos, esses fatos demonstram a força perene dos hidrocarbonetos, sua indústria e seus *players*. Além do Catar, vimos na Copa anterior, em 2018, que foi disputada na Rússia, patrocinada por sua estatal de gás natural, a Gazprom. Na prática, as duas últimas copas foram sediadas em países cuja riqueza e força geopolítica é derivada do comércio de hidrocarbonetos, conforme apontado por Andersson, Bengtsson e Svensson (2021). Em comparação com a Rússia, porém, o Catar tem maior recepção pela comunidade internacional, graças ao seu *soft power*. O autor ressalta que, apesar de ter sido mal visto por parte da comunidade internacional, principalmente por europeus, o Catar não representa uma ameaça à comunidade ocidental como a Rússia. Pelo contrário, a monarquia catariana busca a aproximação e inserção nela, como evidenciado pelo investimento nos megaeventos (vale destacar que a Rússia buscou objetivos similares, mas tal estratégia acabou sendo invalidada com a invasão na Ucrânia). Desta maneira o país almeja melhorar sua posição no comércio mundial.

Contudo, os holofotes trazidos pelos eventos esportivos evidenciaram as contradições do seu sistema sociopolítico. Pesam as denúncias de maus-tratos aos trabalhadores e alto índice de óbitos nas obras da Copa do Mundo de 2022. Não obstante, sua força depende da relevância dos hidrocarbonetos como fonte energética. O país que mais protestou contra a situação dos trabalhadores das obras, a Dinamarca, é precisamente o único país europeu que tem as energias renováveis como as principais de sua matriz. Um cenário de transição energética onde o gás natural perca relevância impactaria profundamente a economia do Catar e por conseguinte seu *status* obtido nas últimas décadas. Desse modo, a monarquia catariana e sua elite econômica buscam aproveitar e estender o período de bonança, visando maneiras de escapar da maldição da dependência excessiva da exploração de recursos naturais finitos.

A lógica neoliberal da Globalização chega ao futebol e as desregulações do mercado financeiro se dão também no campo esportivo do futebol. Abertura de conta em bolsa de valores por parte de clubes, arenização, aumento dos valores na transmissão de eventos mundiais e europeus são alguns desses elementos globalizados do futebol. Com isso, a centralidade das ligas europeias, especialmente de Inglaterra, França, Alemanha, Espanha e Itália, se expandiu como nunca por conta da capacidade ímpar de atrair investimentos e de transmissão em nível global (CIES, 2021). Isso também é fundamental ao entendimento da escolha do

Paris Saint-Germain por parte de Khelaifi em detrimento de um fomento maior da liga catariana. Não adiantaria apenas investir dinheiro em clubes, pois é somente na Europa, o espaço luminoso (SANTOS, 2014) do futebol mundial que a visibilidade seria suficiente para ser considerado *soft power*.

Desde o começo das obras para os estádios da Copa do Mundo 2022 (suntuosas devido a questões de conforto térmico) denúncias foram surgindo de exploração dos operários. Aliás, a própria escolha do Catar como sede foi considerada suspeita, sendo que as investigações resultaram no *Fifagate*, que chegou a ser investigado pela Interpol. Contudo, apesar dos indícios e mudanças na administração da FIFA, o país foi mantido como sede. Embora exista a tendência de casos como esses ficarem impunes, as alegações tiram credibilidade do governo catariano, e impactam a força de *soft power*. Por fim, vale destacar como as disputas entre o Catar e seus rivais regionais por influência no meio esportivo acabaram por suplantar possíveis embates bélicos entre eles. Ao invés de travar guerras nas areias dos desertos da Península Arábica, os países do golfo competem entre si nos gramados das grandes arenas europeias. Em uma região marcada pela intervenção no passado por potências europeias, não deixa de ser irônico que agora esses países façam um tipo distinto de guerra por procuração em território europeu.

5. Considerações finais

Ao mesmo tempo que foram agraciados pela riqueza mineral, países produtores como o Catar frequentemente enfrentam desafios específicos na geopolítica energética, principalmente a superação do seu *status* de petroestado. A monarquia catariana, obcecada com a imagem do país que governam, busca aumentar seu prestígio com investimentos esportivos e demonstra como esses países podem aplicar uma estratégia de *soft power* ao seu favor. Apesar de obter sucessos nessa empreitada, o Catar ainda enfrenta forte rejeição pela exposição midiática das práticas que trouxeram a Copa para o país, principalmente nas obras necessárias para sua realização. Ainda assim, este caso reforça a importância geopolítica dos países produtores de hidrocarbonetos, em especial quando estes desenvolvem práticas que os tornam mais integrados aos altos círculos da economia mundial.

É importante a observação do aumento expressivo do uso do *sportswashing* como prática de *soft power* no Oriente Médio. O caso catariano é *sui generis* por abrir uma carteira de investimentos diversa no âmbito esportivo, cada qual com um objetivo político específico. No caso de Neymar Junior, o objetivo se circunscrevia a um recado aos países que tentavam emplacar o bloqueio econômico ao Catar, mostrando força econômica para realizar a maior transferência em termos financeiros da história do futebol até então e reforçando os laços do país com a França ao tornar o PSG um clube em evidência global. No caso de Mbappé, é interessante notar que o mandatário do clube já foi presidente da liga que representa a Primeira Divisão do futebol nacional catariano e agora utiliza sua influência para aproximar-se ainda mais da França.

A Copa do Mundo, por ser o grande evento global do futebol, oferece condições favoráveis à melhora da imagem do país perante a comunidade internacional. No entanto, as graves denúncias não passam em branco e podem comprometer parte dos objetivos traçados pelo país para receber esse megaevento. Doravante, o Catar demonstra como a riqueza advinda da exploração dos hidrocarbonetos e sua diversificação em atividades financeiras através do fundo soberano e demais portfólios financeiros, podem constituir uma ferramenta eficaz de *soft power*. Com isso, o país expande sua influência na economia globalizada. Certamente, enquanto o petróleo e o gás natural forem fundamentais para o funcionamento do sistema capitalista, o Catar manterá sua força, influenciando, junto com outros petroestados, os rumos do esporte mundial.

Referências

AIE (Agência Internacional de Energia). **Oil information**: Overview (2021 edition), 2021.

ALMEIDA, R. **Entre Muretas e matches:** Disputas e narrativas hegemônicas na produção simbólica da paisagem através do Santos FC. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ANDERSSON, S.; BENGTSSON, L.; SVENSSON, Å. Mega-sport football events influence on destination images: a study of the 2016 UEFA European Football Championship in France, the 2018 FIFA World Cup in Russia, and the 2022 FIFA World Cup in Qatar. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 19, p. 100536, 2021.

BAENA, C.; SEVI, B.; WARRACK, A. Funds from non-renewable energy resources: Policy lessons from Alaska and Alberta. **Energy Policy**, v. 51, p. 569-577, 2012.

BALE, J. The changing face of football: soccer and community. In: **Soccer and Society,** v.1, n.1, p.91-101, 2000.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. Disponível em <https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators> Acesso em 20 nov. 2022.
BRITISH PETROLEUM. **BP Statistical Review of World Energy 2021**.

BRITO, M.; SANTOS, E.; ROUSSEAU, I.; NAVA, P. A dialética da segurança energética e a interdependência das nações: reflexões focadas no papel do petróleo e na dimensão brasileira. In: MONIÉ, F.; BINSZTOK, J. (orgs) **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD Ltda, 2012.

CAMPOS, F.; MORAES, J,G. Como o Brasil entra em campo. In: **Revista de História**: Dossiê História e Futebol. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, n.163, julho/dezembro de 2010, p. 129-139.

CHADE, J**. Receita do futebol supera R$ 100 bilhões e esporte já é maior que PIB de 95 países**. O Estado de São Paulo. 06/08/2018. Disponível em < https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,receita-do-futebol-supera-r-100-bi-e-esporte-ja-e-maior-que-pib-de-95-paises,70002340625>. Acesso em 10 jul. 2020.

CIES - Football Observatory. **Financial analysis of big-5 league clubs' transfers**. Disponível em: < https://www.football-observatory.com/IMG/sites/mr/mr77/en/>. Acesso em 10 out. 2022.

CONANT, M.; GOLD, F. R. **A Geopolítica Energética**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1981.

DAMATTA, R. **O universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ESPN. **Catar teve mortes de 6,5 mil trabalhadores imigrantes desde que virou sede da Copa do Mundo.** São Paulo: Sessão Futebol, 23 fev. 2021. Disponível em: < https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8230125/catar-teve-morte-de-65-mil-trabalhadores-imigrantes-desde-que-virou-sede-da-copa-do-mundo-revela-jornal>. Acesso em 10 out. 2022.

FAVERO, P. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. Dissertação (Mestrado em Geografia) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FIFA. (FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION). **Big 5 Report**. Disponível em: <http:// https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#>, acesso em 05 ago. 2020.

FIFA (FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION). **Global Broadcast & Audience Summary, 2018**. Disponível em: https://digitalhub.fifa.com/m/31f1806ee5de0e32/original/kkiivoviltazeoild16x-pdf.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

FUSER, I. **Energia e relações internacionais.** Coleção Relações Internacionais. São Paulo: Saraiva Educação SA, 2017.

GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: GIULIANOTTI, R.; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. **Football, violence and social identity**. Londres: Routledge, 1994; p. 10-36.

GONÇALVES, G. **A produção espetacular do espaço**: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014. Tese (Doutorado em Geografia) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GLOBOESPORTE. **Camisa monocromática da Dinamarca carrega protesto contra Catar, revela patrocinadora**. Copenhague: 28 set. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/09/28/camisa-monocromatica-da-dinamarca-e-protesto-contra-catar-revela-patrocinadora.ghtml. Acesso em 10 out. 2022.

GRIX, J.; LEE, D. Soft power, sports mega-events and emerging states: The lure of the politics of attraction. **Global society**, v. 27, n. 4, p. 521-536, 2013.

IANDOLI, R. **"Sportswashing"**: o que a compra do Newcastle ensina sobre essa palavra que ganha cada vez mais espaço no futebol. São Paulo: Globoesporte. Sessão Futebol Internacional. 13 mai. 2020. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/sportswashing-o-que-a-compra-do-newcastle-ensina-sobre-essa-palavra-que-ganha-cada-vez-mais-espaco-no-futebol.ghtml. Acesso em 10 out. 2022.

MACHADO E SILVA, I. M; COSTA, H. K.M. Brazillian Social Funds: The lessons learned from the Norway fund experience. **Energy Policy**, vol. 129, p. 161-167, 2019.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1977.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Victor Civita. Volume 1. Livro 1. Tomo 2, 1984.

MARX, K. **Para uma crítica da economia política**. Ed: Ridento Castigat Mores, E-book, 1999.

MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras:** a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MEZA, A.; KOÇ, M. The LNG trade between Qatar and East Asia: Potential impacts of unconventional energy resources on the LNG sector and Qatar's economic development goals. **Resources Policy**, v. 70, p. 101886, 2021.

MOHAMMED, S. *et al*. Narrative futures of a low carbon transition for hydrocarbon rentier states: Case of Qatar. **Futures**, v. 143, p. 103021, 2022.

NICOLAU, J. E. B. **Direito internacional privado do esporte**: estudos sobre uma disciplina em construção. 2017. Tese (Doutorado em Direito Internacional) na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NYE, J. S. Soft power. **Foreign policy**, n. 80, p. 153-171, 1990.

PERIARD, T.; LOSEKANN, L. Petróleo, doença holandesa e dependência da renda petrolífera. In: MONIÉ, F.; BINSZTOK, J. (orgs). **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD Ltda, 2012

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, A**. Estudo sobre as decisões identificadas na gestão de contratos de jogadores de futebol: o caso do Clube Atlético Paranaense**. Dissertação apresentada a FEA-USP para obtenção do título de Mestre em Contabilidade. Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Pereira. São Paulo: 2004.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2000.

SANTOS, M. **Por uma nova globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

RAMANI, S. The Qatar blockade is over, but the gulf crisis lives on. **Foreign Policy**. Jan. 2021. Disponível em: https://foreignpolicy.com/2021/01/27/qatar-blockade-gcc-divisions-turkey-libya-palestine/. Acesso em 10 out. 2022.

SABINO, A. Como renovação de contrato de Mbappé virou uma questão de Estado na França e no Catar. **Folha de São Paulo**. Sessão de Futebol Internacional, 23/02/2022. Disponível in sítio: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/05/como-a-renovacao-de-mbappe-virou-uma-questao-de-estado-na-franca-e-no-qatar.shtml. Acesso em 13 out. 2022.

VAKULCHUK, R.; OVERLAND, I.; SCHOLTEN, D. Renewable energy and geopolitics: a review. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 122, p. 109547, 2020.
SÉBILLE-LOPEZ, P. **Géopolitique du Petróle**. Paris: Instituto Piaget/Editora Armand Cólin, 2006.

SKEY, M. Sportswashing: media headline or analytic concept? In: **International Review for the Sociology of Sport**. Year 0 (0). https://doi.org/10.1177/10126902221136086

SOVACOOL, B. How long it will take? Conceptualizing the temporal dynamics of energy transitions. **Energy Research & Social Science**. Ed. 13, 2016, p. 202-215

YERGIN, D. **O petróleo**: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions*/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual (CC BY-NC-SA).